

ARQUEOLOGIA EM CAMPO: USOS E SIGNIFICADOS ATRIBUIDOS À ANTIGA ENFERMARIA MILITAR DE JAGUARÃO-RS

*Fábio Vergara Cerqueira
Mariciana Zorzi
Luciana da Silva Peixoto*

O município de Jaguarão surgiu a partir de um acampamento militar instalado às margens do rio que dá nome ao lugar, em 1802, período em que Espanha e Portugal disputavam os limites de suas fronteiras. Por tal motivo, a cidade possui um passado fortemente marcado pela influência militar (FRANCO, 2007). O Cerro da Pólvora é um dos locais que guardam a história deste passado. Em 1845, o local chamou a atenção de Duque de Caxias, que projetou construir uma fortaleza na elevação para proteger a fronteira em função da importância estratégica.

Há controvérsias sobre a construção deste forte: Sérgio da Costa Franco afirma nunca ter sido erguido, ao passo que a pesquisa financiada pelo IPHAN sugere que a obra teria avançado, hipótese que não encontrou respaldo nas pesquisas arqueológicas realizadas (FRANCO, 2001 / NEVES; FREIRE, 2009 / PEIXOTO et al, 2011). Em 1880 inicia, no Cerro da Pólvora, a construção da Enfermaria Militar de Jaguarão¹²⁷, com a finalidade de atender oficiais e praças do exército local e da região (FRANCO, 2001). Sua localização é afastada da parte central da cidade, o que se explica pelo medo que se tinha na época da disseminação de doenças.

Com base nas memórias orais, sabemos que o prédio foi utilizado como Enfermaria Militar até meados da década de 1950. Por volta de 1960, abrigou uma escola assistencial com uma capela, enquanto algumas peças, simultaneamente, alojavam famílias de militares. Há relatos também que, durante a ditadura militar, o prédio foi usado como prisão. No início da década de 1970, a constru-

¹²⁷ Identificada a partir de agora pelas iniciais EMJ.

ção foi rapidamente depredada, o que gerou um processo de deterioração contínua. Tal fato mobilizou grupos da cidade, que passaram a reivindicar o espaço, dentre eles podemos citar o Projeto Jaguar, de 1983, formado por pessoas que buscavam sensibilizar a gestão pública para a preservação do patrimônio cultural, além das ações na mídia para a organização de vigílias na Enfermaria. Esse extenso período de abandono político foi interrompido pela criação do Parque Fernando Ribas na área das ruínas, onde havia shows, um parque para as crianças e diferentes atividades recreativas. Em seguida, caiu no esquecimento e abandono público, mas mesmo assim, há intenso uso pelos moradores.

As ruínas da antiga Enfermaria Militar, situada no município de Jaguarão, serão transformadas no Centro de Interpretação do Pampa. A Universidade Federal do Pampa firmou no dia 20 de janeiro de 2010 um convênio com a Prefeitura Municipal de Jaguarão e com a empresa Brasil Arquitetura, visando ao desenvolvimento do projeto arquitetônico e da concepção museológica e museográfica. No início do segundo semestre de 2010, o Instituto de Memória e Patrimônio foi contratado, através de licitação, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, para a realização do salvamento arqueológico da área em questão (edificação e entorno imediato), cujos recursos foram liberados em dezembro, permitindo o início dos trabalhos de salvamento somente em janeiro de 2011.

O contanto com a documentação histórica, a vivência no lugar durante as escavações, as entrevistas com pessoas que frequentaram a Enfermaria em diferentes momentos e as conversas com moradores e turistas, apontaram questionamentos importantes, que ultrapassam aqueles focados somente no entendimento da cultura material e se inserem também nas discussões de políticas públicas. Afinal, qual é o papel da arqueologia nas obras de restauro e refuncionalização de sítios arqueológicos?

Os depoimentos orais constituem hoje uma importante dimensão do trabalho de arqueologia de salvamento, não somente no sentido de dar respostas a questões pontuais colocadas pela cultura material, pela iconografia e pela pesquisa histórica, mas sobretudo por possibilitar captar a memória social e significações nas quais a oralidade e a cultura material estão articuladas. No nosso entendi-

mento, a oralidade não deve ser encarada como uma fonte complementar da pesquisa do arqueólogo. Outrossim, o testemunho oral deveria ser encarado como uma outra forma de dado arqueológico.

Este texto apresenta a metodologia utilizada no que concerne à história oral, mas, sobretudo, busca expor os usos mais recentes e seus respectivos atores sociais, frequentemente associados à imagem do abandono e da marginalização, razão pela qual são muitas vezes relegados a um plano secundário ou, na maioria dos casos, totalmente desconsiderados pelas políticas públicas de gestão do patrimônio cultural.

Métodos de aproximação dos depoentes e de tratamento das fontes orais

O uso de depoimentos orais, coletados através das técnicas de História Oral ou de outras técnicas, é um recurso que ainda costuma ser utilizado de forma subsidiária pelo arqueólogo, relegando-o a segundo plano. No entanto, quando trabalhamos com memória social, ele é alçado a lugar de destaque. Na perspectiva da arqueologia histórica e urbana, porém, ele constitui uma peça dentro da relação quadrangular entre os quatro tipos de fontes (escrita, oral, visual, material). Nessas disciplinas, a pesquisa integrada, baseada na articulação de diferentes tipos de fontes, não só é viável como é indispensável.

Quando pensamos na análise integrada de modalidades distintas de testemunho, surgem relevantes problemas teóricos com impacto sobre o método, que podem ser resumidos pelas seguintes questões: (1) como estas fontes se articulam na construção da memória; (2) metodologicamente, como reconstruir essa memória através das diferentes fontes, sem que a descrição de uma interfira sobre a descrição da outra; (3) qual o grau de subjetividade de cada uma das fontes; e (4) qual o peso de cada uma na representação da memória individual e coletiva da comunidade estudada (PEIXOTO, 2003, p.09).

Ademais, considerando a natureza distinta das fontes, seja do ponto de vista físico (oral, visual e material), seja do ponto de

vista da relação diferenciada que os documentos tecem com a memória subjetiva e coletiva, é necessário, para que eles se constituam em um documento histórico em si, que sejam sistematizados respeitando a especificidade de cada um. Assim, a interpretação dos dados, de forma integrada, torna-se possível, metodologicamente, na medida em que se estabelece um conjunto de recortes temáticos padronizados, os quais devem ser aplicados igualmente aos diversos conjuntos documentais.

Deste modo, se, por um lado, os dados são estruturados considerando-se as especificidades de cada uma das fontes, por outro lado, e ao mesmo tempo, eles seguem critérios homogêneos de tematização. Mediante esse procedimento, fica facilitada a interpretação, permitindo-se que uma mesma questão seja colocada às diferentes fontes históricas (PEIXOTO, 2003). Portanto, as questões colocadas aos depoimentos orais são convergentes àquelas que matizaram o levantamento de dados materiais, históricos e iconográficos. Estas questões são de ordens diversas:

Diferentes fases (forte, enfermaria militar, escola e capela, período da ditadura militar, abandono, parque, abandono novamente): questões relativas à cronologia; à área física abrangida; à construção; aos espaços internos e à relação com os espaços externos; aos personagens; às atividades de rotina; e ao descarte de lixo.

Interações sociais e cotidianas do prédio, das instituições ali instaladas e do sítio, nas suas diferentes fases, com a cidade e com o entorno direto: quem era atendido na enfermaria e se havia acesso à população; como era a frequência e funcionamento da capela; quem estudava na escola; quem frequentou a enfermaria nas suas fases de abandono e o que faziam; a instalação do parque e seus usos; os usos das ruínas do prédio na fase atual de abandono.

Imaginários sociais associados: entrelaçamento entre passado, presente e futuro nas representações feitas sobre a EMJ e nas representações que esta provoca; simbolismos associados à EMJ entre antigos usuários do prédio e pela população. Aqui se incluem as variadas percepções da população local ou externa, e até mesmo as opiniões de turistas.

História oral (procedimento sistemático)

A História Oral, que até pouco tempo era vista como não constitutiva de objeto de pesquisa, e que, segundo Louis Starr (apud MEIHY, 1998), era “mais do que uma ferramenta, e menos do que uma disciplina”, e sofreu transformações que a qualificaram como “algo mais”. Segundo Meihy, estas transformações conceituais se deram a partir de debates que colocaram os critérios de elaboração dos documentos como tema específico. Atualmente, a História Oral é considerada pela maioria dos pesquisadores ou como método ou como técnica (PEIXOTO, 2003, p.10).

Considerando-a como método, é necessário que os depoimentos sejam o ponto principal da pesquisa e que as análises sejam feitas no sentido das entrevistas, sob as quais os resultados são efetivados. Como técnica, a história oral participa da pesquisa como um recurso a mais. Neste caso, as entrevistas não se constituem no objeto principal das análises. Segundo Cristina Feres (1996), muitos historiadores hesitam em usar fontes orais, por colocarem em dúvida a “veracidade” e “parcialidade” destas fontes. Ela acredita que esta postura leva alguns pesquisadores a obscurecer a individualidade dos entrevistados, como em alguns casos em que os trechos das entrevistas são citados, mas o entrevistado não é identificado.

Em nosso trabalho, buscamos informações que garantissem a reconstituição da memória histórica da EMJ recorrendo a entrevistas pessoais como fontes privilegiadas de estudo, possíveis de serem consideradas por si mesmas. Deste modo, tratamos a história oral como método, pois as entrevistas são tomadas por si mesmas, e não como documento para comprovar ou contradizer as fontes escritas. São consideradas como um rico manancial que apresenta olhares e memórias com vida própria, com genuína relação com significados presentes e pretéritos associados à EMJ. No entanto, ao mesmo tempo, os depoimentos de história oral podem sim ser usados como técnica, na medida em que fornecem respostas a questões específicas levantadas pela análise da cultura material, dos testemunhos iconográficos e escritos.

Seguindo-se os passos definidos pela metodologia de História Oral, define-se inicialmente o universo dos entrevistados, elaborase um roteiro semiestruturado, realizam-se as entrevistas, gra-

vam-se os depoimentos, revisam-se os textos transcritos (limpeza de linguagem), apresentam-se as versões gravadas e revisadas textualmente aos depoentes, fazem-se alterações solicitadas, e tomam-se os termos de autorização de uso dos depoimentos para fins de publicação.

A definição do universo dos possíveis entrevistados foi precedida por dois procedimentos iniciais: pesquisa histórica baseada na consulta à documentação e historiografia existente sobre o município de Jaguarão e em particular o prédio da EMJ (visitaram-se arquivos histórico-documentais de Jaguarão e Porto Alegre); contatos institucionais, sobretudo com autoridades municipais, administração universitária (UNIPAMPA), exército e IPHAN. Esta pesquisa inicial subsidiou a confecção dos roteiros semiestruturados e apontou os contatos representativos para se mapear as redes de potenciais depoentes.

A pesquisa inicial apontou sete fases de uso do terreno e do prédio (forte, enfermaria, escola e capela, uso militar durante período ditatorial, abandono inicial, parque, abandono atual). Não foram encontradas pessoas que pudessem prestar depoimento de memória oral com referência à suposta fase do forte (cuja existência no local foi descartada pela análise arqueológica e cartográfica); no entanto, foi uma questão levada aos depoentes e mesmo aos interlocutores da localidade com quem mantivemos diálogo em todas as fases da pesquisa¹²⁸. Foram, então, definidos depoentes para as demais fases. Não se conseguiu até o momento localizar os personagens apontados como administradores do parque, que funcionou no início da década de 1980.

Os roteiros semiestruturados foram adaptados aos focos, com perguntas direcionadas às diferentes fases de ocupação e uso do prédio. Para efeito de simplificação, a periodização usada na elaboração dos roteiros de entrevista focou quatro fases: 1.ª) enfermaria, 2.ª) escola e capela, 3.ª) parque e 4.ª) abandono atual. Ao mesmo tempo, este modelo de periodização não impediu que in-

¹²⁸ Poucas pessoas se manifestaram sobre a possibilidade de ter havido um forte no local. Estas convergem em entender que seria improvável dada topografia inadequada.

formações sobre as demais fases fossem trazidas de forma espontânea. Procurou-se, para as diferentes fases, entrevistar pessoas que tiveram posições sociais e profissionais diversas – ou até mesmo opostas – no convívio rotineiro com o prédio: de militar a enfermeiro e paciente hospitalizado; de professora, a aluno e merendeira; de grafiteiro a outros usuários atuais.

Figuras 1 e 2 – Dona Lenita ao lado da fotografia da filha tirada na Capela da Enfermaria e, em seguida, um detalhe da mesma fotografia.



Fonte: Acervo Instituto de Memória e Patrimônio. Data: s/d.

Entre as indagações previstas, o roteiro semiestruturado propunha entender quais eram as funções de cada ambiente, os períodos de ocupação do prédio, além de detalhes importantes para a pesquisa arqueológica, como o descarte do lixo, modificações e aspectos estruturais da construção, bem como os significados atribuídos ao espaço (cf. figuras 1 e 2). Conforme tabela a seguir, foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas, no período de agosto de 2010 a janeiro de 2011.

Tabela 1 – Pessoas entrevistadas através de procedimento sistemático

Nome do entrevistado	Data	Registro fotográfico	Tipo de relação que tem com a enfermaria
José Albertino Teixeira “Tarouco”, 91 anos	28-08-2010	Sim	Conduziu algumas vezes a ambulância e esteve internado durante 6 dias na enfermaria. Ano de internação: 1940.

Eci Vieira Dutra Domingues, 66 anos	27-08-2010	Sim	Foi professora na época que o prédio da EMJ foi escola, em 1967.
José Cassiano Gómez dos Santos, 92 anos	18-01-2011	Sim	Ficou internado na enfermaria por 48 horas, era burocrata no quartel. Ano de internação: 1937.
José Albertino Teixeira "Tarouco", 91 anos	18-01-2011	Sim	Conduziu algumas vezes a ambulância e esteve internado durante 6 dias na enfermaria. Ano de internação: 1940.
Elimar Brum, 77 anos	24-01-2011	Sim	Trabalhou como enfermeiro em 1951, durante 9 meses.
Lenita Araújo, 103 anos	27-01-2011	Sim	Foi merendeira na escola Imaculada Conceição.

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2011.

Entrevistas não-estruturadas (procedimento assistemático)

Os depoentes definidos a partir das redes de contato às quais fomos introduzidos por meio dos contatos institucionais (exército, prefeitura, universidade, escolas) foram escolhidos de forma sistemática, para abranger os diferentes períodos e diferentes perspectivas sociais e cotidianas. Contudo, uma plêiade de outras possíveis e enriquecedoras narrativas sobre a EMJ povoam as memórias sociais de vários indivíduos das comunidades locais, as quais podem trazer perspectivas complementares ou conflitantes.

Em razão disso, definimos como procedimento estarmos preparados para recolher depoimentos espontâneos de pessoas que se aproximavam do local em razão dos trabalhos arqueológicos e manifestavam desejo de conversa sobre a história do prédio da EMJ. Considerando tratar-se de situação não planejada, valorizamos a espontaneidade da conversa e definimos como procedimento anotar, mediante autorização oral, as informações relevantes, em vez de efetuar a gravação, a qual seria de difícil realização ao ar livre na EMJ, por questões acústicas, além de comprometer a espontaneidade da conversa.

Estes depoimentos beneficiaram-se da possibilidade de as memórias sobre o local serem evocadas in situ, permitindo identificar os usos de vários ambientes em diferentes fases. Mesmo não se aplicando a estas conversas, os roteiros semiestruturados, por meio

de questões presentes nestes roteiros, estavam no pano de fundo destas conversas espontâneas, considerando-se sempre o perfil biográfico do informante. Conforme tabela abaixo, foram realizadas sete entrevistas não estruturadas.

Tabela 2 – Pessoas entrevistadas através de procedimento assistemático

Nome do entrevistado	Data	Registro fotográfico	Tipo de relação que tem com a enfermaria
Gregório Araújo, 52 anos.	12-01-2011	Não	Foi aluno da escola, entre 64 e 67. É filho da Lenita que foi merendeira na escola.
Florêncio Hernandez	11-01-2011	Não	
Darci Pinto Ribeiro	20-01-2011	Não	O pai trabalhou como enfermeiro e cozinheiro na Enfermaria.
Pedro Albio Otero	07-01-2011	Não	Foi enfermeiro.
Maicom Teixeira, 22 anos	08-01-2011	Não	O pai foi aluno da escola
Bob Alex Araújo, 33 anos	13-01-2011	Sim	Desenhou nas paredes da Enfermaria, principalmente entre 1994 e 2000.
Rui Jader Farias, 70 anos	20-01-2011	Não	Trabalhou como enfermeiro em 1950, durante cinco meses.

Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2011.

Os depoimentos, semiestruturados e espontâneos, as conversas e a observação das práticas cotidianas, além das questões previstas nos roteiros semiestruturados, com relação às diferentes fases de uso e aos espaços do prédio, trouxeram ainda várias questões inusitadas sobre o imaginário associado à EMJ. Narrativas do período de repressão militar, da depredação do prédio e do vandalismo são as mais recorrentes na conversa com a população, uma vez que conferem ao bem um *pathos* trágico, de perda, de privação, compartilhado entre as gerações atuais. A história da depredação, que todos contam e ao mesmo tempo dizem não poder contar, move o imaginário da cidade e gera vínculos subterrâneos com a EMJ.

O lado proibido da história é seu tom novelesco, envolvendo poder e sexo. Mas o lado mais profundo é o ato da depredação em si, quando se revela que muitos populares vieram até a enfermaria, diante da informação de que havia sido liberado para se pegar material do prédio (telhas, tijolos, aberturas, etc.). Assim, a enfermaria, depredada, foi compartilhada, por meio de seus pedaços, que se espalharam pela cidade. Narrativas desta ordem exemplifi-

cam o rico imaginário que os depoimentos orais possibilitam aces-
sar, ao paulatinamente entrelaçarem-se com a dimensão da cultura
material.

No decorrer das narrativas é possível perceber o mito de
destruição da Enfermaria. Contam que por volta de 1965, uma mu-
lher foi até o quartel pedir ao General a autorização para retirada de
algumas madeiras que estavam caídas no local, correspondente à
ala de isolamento. O general autorizou tal pedido (algumas pessoas
comentam que ela era amante dele). Após verem a mulher retirando
as telhas, os moradores do entorno também retiraram materiais
construtivos, inclusive de caminhão. De acordo com os informantes,
foram retiradas telhas, madeiras, ferros, ladrilhos, peças do banhei-
ro, portas, etc. Rapidamente, do prédio foi feita ruína.

A percepção de tempo deste episódio, segundo alguns in-
formantes, é de um dia, para outros de uma noite, mas todos con-
cordam que foi um evento muito rápido: “pareciam formiguinhas”.
Após o saque, o exército enviou militares para realizarem ronda no
local, como forma de impedir mais saques. No entanto, há um sen-
timento de indignação em relação a este episódio, por parte das
pessoas que frequentam o local, pois por muito tempo a Enfermaria
ficou a margem das políticas públicas. No entanto, a época da cria-
ção do Parque Municipal, no início da década de 1980, com brin-
quedos para as crianças e atividades culturais, é lembrada pelos
moradores do entorno e informantes como positiva. Por volta de
1990, o IPHAE tomba a EMJ como patrimônio cultural do Estado. No
entanto, praticamente nada foi realizado, em termo de políticas
públicas.

O abandono institucional possibilitou outros usos, como o
início das inscrições e pinturas nas paredes do prédio, de 1972¹²⁹
até os dias atuais, mas como maior ênfase entre 1990 e os anos
2000.

Durante a pesquisa arqueológica, conhecemos Bob Alex
Araujo, 33 anos, neto de Lenita e sobrinho de Gregório, pessoas que
também se inseriram na pesquisa, através de depoimentos relacio-

¹²⁹ Data encontrada na parede durante trabalho de prospecção parietal.

nados à fase em que a EMJ foi escola. Bob é jaguarense e pinta desde os 11 anos de idade. A maioria dos desenhos nas paredes da Enfermaria é de autoria dele. Logo que iniciamos a conversa, caminhando no interior do prédio, Bob parou de frente ao pátio interno, apontou para a antiga capela e disse: “naquela parede caída havia um desenho meu”. Ele se lembrou de várias paredes que foram derrubadas onde havia inscrições de sua autoria.

Contou que um grupo de 30 ou 40 pessoas se reunia na Enfermaria para conversar e beber durante a noite, enquanto isso ele desenhava: “quem pintava mesmo era eu, os outros pegavam o pincel e só escreviam o nome, coisas pequenas [...] olhava pra parede e via um desenho pronto, uma composição formando, e aí pintava, eram coisas que vinham na cabeça. Como se fosse uma mancha, uma sombra”. Os motivos que mais aparecem nas suas composições são paisagens, e os elementos e personagens mais presentes são índios, diabo, cruz, nome de pessoas e ano. Bob pinta também nas paredes das casas e em alguns estabelecimentos de Jaguarão. Ele utilizava tinta de acrílico para pintar, que na verdade eram sobras do seu ofício de pintor. Segundo ele, os desenhos que não caíram junto com as paredes, só se sustentam porque a tinta é boa.

Durante a entrevista Bob contextualizou o que acontecia no prédio naquela época. De acordo com ele, seu amigo “Toto”, filho do cônsul da Espanha, brigou com o pai e resolveu morar no porão da enfermaria. Retiraram a terra que estava embaixo e colocaram perto da porta, pra fechar a entrada da frente. Outro grupo que frequentava a Enfermaria neste período eram os góticos. De acordo com Bob, eles pegavam as velas do Cristo (local próximo a Enfermaria), roubavam os crânios do cemitério e ficavam até amanhecer cantando e bebendo com os crânios e velas.

Bob comentou sobre um desenho que fez no ano de 1996, que para ele era um dos mais bonitos, um diabo escalando a parede do pátio interno (figura 3). No final dos anos 1990, a prefeitura mandou apagar o desenho, pois era apelativo e remetia ao vandalismo. Em 2000, Bob voltou à Enfermaria, com a filha Camila e a mulher Adriana, e pintou novamente a figura, no entanto um grupo de marginais, que segundo Bob, estavam todos na condicional, danificaram parte da obra (figura 4).

Figuras 3 e 4 – Pintura feita por Bob e, posteriormente, danificação da pintura na parede do pátio interno.



Fontes: Acervo pessoal de Bob Araújo. Data: s/d; Acervo do Instituto de Memória e Patrimônio. Data: s/d.

Bob terminou a entrevista contando que recentemente perdeu o movimento da mão direita. Hoje pinta só com a mão esquerda, “virei canhoto forçado”, diz ele. Atualmente ele não vive do que pinta, apenas faz porque gosta, sua profissão é de motoboy.

Observação etnográfica

Atualmente o Cerro da Pólvora caracteriza-se com sendo uma área com aspectos “rururbanos” (figura 5), pois preserva característica da trajetória de seus moradores que migraram das fazendas situadas no interior, principalmente após a aposentadoria, para a cidade. A maioria das casas representa o estilo “cachorro sentado” (Figura 6), onde moram famílias de baixa renda. Algumas construções possuem materiais subtraídos à antiga enfermaria, como tijolos, telhas, portas, pisos, louça sanitária, dentre outros.

Figuras 5 e 6 – Paisagem do Cerro da Pólvora e casas ao estilo “cachorro sentado”.



Fonte: Acervo do Instituto de Memória e Patrimônio. Data: s/d.

Os primeiros dias em campo, no que concerne o trabalho arqueológico, foram de sondagens no pátio externo e interno, de 5 em 5 metros. Trabalhávamos das 8 da manhã até o meio dia e das 14 até às 17 horas. Em uma dessas sondagens, localizada no pátio externo próximo a rua, foi encontrada uma possível área de descarte. A partir disso, realizamos a escavação e o registro da cultura material exumada deste local, no horário das 6h às 13h¹³⁰. Esses diferentes horários de trabalho possibilitaram observar a movimentação das pessoas, a rotina e as atividades em diferentes períodos do dia. Serão apresentados aqui os usos e significados observados, procurando relatar os usos de modo a constituir uma sequência narrativa conforme as horas do dia, da manhã à noite.

¹³⁰ O horário de trabalho passou a ser concentrado na parte da manhã, pois o sol e o calor dificultavam a realização do trabalho de campo à tarde.

Figuras 7 e 8 – Marcelo entregando leite no Cerro e varal de roupas no pátio da Enfermaria.



Fonte: Acervo do Instituto de Memória e Patrimônio. Data: s/d.

Já no início da manhã a movimentação começava. Entre as pessoas que passavam pela rua estava Marcelo, 33 anos. Todos os dias, às 8h10min da manhã, ele entrega leite nas residências vizinhas à Enfermaria. Instantes antes de parar a sua charrete (figura 7), os moradores já chegam ao portão à espera do leite fresquinho. Marcelo trabalha há cinco anos entregando leite no Cerro. Seu pai possui uma chácara próxima a enfermaria, onde cria vacas, ovelhas e planta para subsistência. Foi do pai que Marcelo herdou o ofício de leiteiro.

O pátio externo da Enfermaria é para a família de “Bombacha” a extensão de sua casa. A partir das 8h30min da manhã o filho de 10 anos leva as vacas e os cavalos para pastar¹³¹, enquanto sua mulher estende as roupas no varal (figura 8). À tardinha os filhos menores brincam e os maiores tomam chimarrão, na sombra desenhada pela ruína.

¹³¹ O menino aproveitava as estacas de marcação da malha, colocadas pela equipe de arqueologia, para prender a corda que segurava os animais.

Figuras 9 e 10 – O pátio da enfermaria sendo utilizado como lugar de passagem e meninos jogando bola.



Fonte: Acervo do Instituto de Memória e Patrimônio. Data: s/d.

O pátio também é utilizado como lugar de passagem (figura 9). Nos primeiros dias de campo, receosas diante das inúmeras estacas brancas postas em toda a extensão do terreno, as pessoas perguntavam: “podemos continuar passando aqui?”. As pessoas utilizam há muito tempo a área como “atalho”, dizem: “dá uma preguiça de fazer toda a volta, assim é mais fácil”.

Entre o meio dia e às duas da tarde a cidade para, poucas pessoas circulando, apenas alguns restaurantes abertos. Algumas horas depois, o movimento de passagem se intensifica, pois coincide com o horário de ir ao trabalho. Durante toda a tarde a Enfermaria é a distração das crianças que moram no Cerro. Elas jogam bola (figura 10), brincam de correr, sobem nas ruínas (figura 11), se escondem, entre outras brincadeiras de criança. Os adolescentes também se encontram no local, no final da tarde, para cantar (figura 12), tirar fotos e principalmente namorar (figura 13). Pessoas de diferentes faixas etárias, inclusive famílias, tomam chimarrão neste período do dia, de domingo a domingo (figura 14).

Figuras 11, 12, 13 e 14 - Meninos brincando nas ruínas, jovens cantando no final da tarde, adolescentes namorando e família tomando chimarrão no final da tarde.



Fonte: Acervo do Instituto de Memória e Patrimônio. Data: s/d.

À noite, o cenário muda, as pessoas usam o local para o uso de drogas. Outro possível uso noturno, comentado pelos auxiliares de campo, é utilização do local como motel, pois os casais saem das festas e terminam a noite na Enfermaria. Tal fato pode ser confirmado pelo grande número de embalagens e de preservativos usados, no chão. O porão mais conservado de uma das salas também é utilizado como casa, algumas pessoas possuem seus pertences no local. Em uma manhã observamos um travesti saindo da Enfermaria. Há relatos de que ele dorme no local.

Considerações finais

A partir das entrevistas e observações, foi possível mapear as diferentes ocupações do prédio situado no Cerro da Pólvora, desde seu uso inicial como Enfermaria até os dias atuais enquanto espaço de lazer. Através das entrevistas foi possível identificar a relação geracional que algumas famílias possuem com o prédio da Enfermaria. Para ficar em um exemplo, Lenita, Gregório e Bob Araújo, uma família que se apropriou do espaço de diferentes formas. Para eles, o prédio guarda diferentes lembranças, enquanto espaço de trabalho, de aprendizagem, de lazer, etc.

Durante o período das escavações, entre janeiro e fevereiro de 2011, foi possível observar e registrar os usos do presente. A vivência no lugar, as conversas com moradores e turistas, proporcionaram um material que se insere nas discussões relacionadas à memória, patrimônio, identidade cultural e território. Nesta observação, captaram-se vivências variadas e suas diversas formas de interagir com o prédio e seu entorno. Revelaram-se atores os mais variados: vizinhos, moradores de bairros, famílias, jovens casais, namorados, turmas de adolescentes e crianças; transeuntes, turistas; usuários diurnos e noturnos; intelectuais, políticos, acadêmicos. Desnudou-se um repertório de práticas cotidianas as mais diversificadas: tomar chimarrão, cantar ao som de um violão, pagodear com amigos, apreciar o entardecer, deixar o gado pastar, estender roupa no varal, brincar, jogar bola, caminhar sobre os muros, derrubar muros, vandalizar, levar pedaços da enfermaria, beber, consumir drogas, namorar, transar.

A observação e a conversa com estes usuários permitiram não somente registrar o regime de usos do espaço, bem como as instâncias subjetivas projetadas sobre o passado, o presente e o futuro: a curiosidade pela história do prédio e pelas escavações, o gosto pelo uso (ou o desprezo pela ruína) no presente, e as expectativas ou inseguranças com relação ao destino futuro do bem restaurado.

Parece-nos claro que esta é uma missão que passou a integrar o trabalho de um arqueólogo: no salvamento arqueológico de um bem edificado ou sítio em processo de recuperação estrutural, deve registrar e propor interpretações sobre os sentidos de uso não

somente pretéritos, mas também presentes, deve ter o compromisso com revelar que o prédio tido como abandonado do ponto de vista oficial é um prédio socialmente reapropriado, reutilizado. Por via de regra, setores da população, de grupos socialmente excluídos ou que seguem práticas sociais oficialmente rejeitadas, dão vida a estes espaços e fazem dele seu local de atuação social, de produção de sentido, de práticas culturais.

Fica a pergunta sobre a forma como os projetos de recuperação e restauração do bem ou sítio levam – ou deixam de levar – em consideração esta realidade social e cultural revelada pelos depoimentos orais e pela observação etnográfica. Fica a preocupação e o compromisso: o projeto de restauração de um bem não pode desconhecer os significados que lhe são associados pelos diversos setores sociais que com ele convivem e não pode desconsiderar as expectativas destes setores na refuncionalização do bem a ser reciclado, restaurado. A observação dos usos presentes leva a propor uma reformulação de paradigmas em termos de restauração: por que não restaurarem as pichações e grafites, por que não incluírem os registros dos usos da fase de abandono, por que não, mais importante ainda, pensarem estratégias que evitem a total ruptura com os usos do prédio pelos setores subalternos durante seu abandono?

O salvamento arqueológico da EMJ revelou-nos a importância de que, de forma seletiva, seja feita a restauração de algumas obras do grafiteiro Bob, e que, mais ainda, se pensem estratégias para não se interromperem formas atuais de uso do prédio: como o seu uso por populares para apreciar o crepúsculo, tomar chimarrão ao final de tarde, reunir amigos para tocar pagode, namorar.

Referências

FERES, Cristina de Lourdes Pellegrino. O uso das entrevistas no estudo da imigração italiana. In. MEIHY, José Carlos Sebe (org.). **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e coisas da fronteira sul (ensaios históricos)**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Origens de Jaguarão – 1790-1833**. 2.^a ed. Porto Alegre: Evangraf, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo, Edições Loyola, 1998.

NEVES, Márcia Pereira das; FREIRE, Beatriz Muniz. **Fortificação de Jaguarão**. Transcrição de parte da documentação constante no Fundo Obras Públicas do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IPHAN-RS, 2009.

PEIXOTO, Luciana da Silva. **Memória da imigração italiana em Pelotas/RS** – Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas. Monografia de Graduação: UFPel, 2003.

PEIXOTO, Luciana da Silva; CERQUEIRA, Fábio Vergara; VIANA, Jorge Luiz de Oliveira; ZORZI, Mariciana. **Relatório parcial do salvamento arqueológico da Enfermaria Militar de Jaguarão**. Pelotas: Instituto de Memória e Patrimônio, 2011.